

>> **O dilema na
infraestrutura no Brasil**

Brasil >> 09 >> 2013

OS R\$ 600 BILHÕES EM CAIXA NÃO SÃO SUFICIENTES PARA O BRASIL ALAVANCAR SEUS PROJETOS DE INFRA-ESTRUTURA. É PRECISO MUDAR HERANÇAS CULTURAIS

Em 2009, uma reportagem da revista inglesa *The Economist* apontava o momento do Brasil como “o país que decola” (takes on). Após décadas de instabilidade econômica, o Brasil voltava a ser atrativo ao capital externo, em decorrência de um novo plano econômico que domou a inflação, deu maior autonomia ao Banco Central e engordou o Tesouro Nacional com os recursos da privatização de estatais. A esta perspectiva mundial, o Brasil, entre todos os BRICs, ainda somava atributos importantes, como a ausência de conflitos étnicos e religiosos comparados aos da Índia, independência sobre os combustíveis fósseis, diferentemente da Rússia, e sua estabilidade democrática diante da poderosa China. Todos embarcamos neste sonho.

Quatro anos se passaram e o país ainda permanece como a menina dos olhos para os grandes grupos globais, motivados a investir em uma economia emergente, sob um regime democrático estável, com grande potencial de consumo interno e abundância em recursos estratégicos para o futuro do planeta. No entanto, os atrasos e a burocracia na tomada de decisões importantes, cruciais à viabilização do seu desenvolvimento econômico, têm colocado o país numa crise de reputação internacional sobre sua capacidade de execução e garantia para os novos investimentos.



DA EUFORIA Á DECEPÇÃO

Inegavelmente, o Brasil nas últimas três décadas, reverteu sua imagem de economia atrasada. Motivado pela onda de crescimento, tem um orçamento público de R\$ 1,26 trilhão, a ser executado até 2017 na modernização de rodovias, portos, aeroportos, ferrovias, sistemas de transmissão de energia, com objetivo de elevar seu Produto Interno Bruto em 4% nos próximos anos e aumentar sua competitividade internacional. Envelopados no ousado Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), criado pela era Lula e seguido, numa segunda etapa (PAC 2) por sua sucessora, Dilma Rousseff, para promover a retomada do planejamento e a execução de grandes obras de infraestrutura social, urbana, logística e energética. Os projetos brasileiros de infraestrutura, no entanto, têm sido vistos ultimamente como um real axioma pela comunidade empresarial internacional: o tempo da euforia à decepção é curto, impactado por licitações mal elaboradas, uma cultura política mais focada em inaugurar obras e não em executar projetos e regulações complexas.

É um paradigma para o BRIC Brasil, com R\$ 600 bilhões em caixa destinados aos investimentos em projetos de infraestrutura, que poderiam ajudar e impulsionar a economia global, se considerarmos uma Europa em crise e a lenta recuperação econômica americana, mas o Brasil não consegue operacionalizar empreendimentos, atingir o cumprimento de prazos e metas, e assim, manobrar a estibordo, projetos como o Trem de Alta Velocidade, finalizar a Transposição do Rio São Francisco ou levar adiante o Porto de Manaus, entre inúmeros outros que o Executivo brasileiro tem em sua pasta. Mesmo evidenciando esta imaturidade gerencial, própria de uma nação de apenas cinco séculos, o país tornou-se parte de um sonho das grandes conglomerações empresariais, focadas em sua predestinação ao crescimento global.

RICO EM DICOTOMIAS

Desde a colonização portuguesa, o Brasil sempre foi rico em dicotomias. Ora colônia de exploração, ora, por conveniência da Corte, colônia de povoamento. Ou seja, a ambiguidade nacional sempre foi historicamente cultural. E contra este ranço de reputação ambígua da falta de eficiência na organização, apoiada pela célebre frase brasileira “no final, tudo dá certo” - que gera muita insegurança ao mundo dos negócios -, o governo também tem esmerado esforços em mudar. O Executivo tem encontrado obstáculos na pluripartidarização política do país, nas diferentes legislações e regulações das unidades federativas, nos interesses políticos eleitorais e no inchaço dos orçamentos na execução de projetos. Somados, estes elementos ressuscitam uma sombra negativa sob o país, taxado por décadas de subdesenvolvimento,

pouco competente e improdutivo e, que por sua extensão continental, diversidade climática, pujança de recursos e mercado interno, poderia facilmente ser uma potência mundial. Os grandes projetos de infraestrutura brasileiros são estacionados no Congresso, os investidores estão resabiados e a engrenagem da economia freada. Dependem de lobbies, muitas conversas e concessões de favores.

Nos tempos atuais, a crise brasileira deslocou-se de eixo. Não carece de bons projetos, mas sim de recursos mais humanos do que capitais. Em síntese, o problema não é mais só como obter a “ganga” como nos idos momentos de dureza, mas em que ordem priorizar e viabilizá-la, e com que “amigos” experientes contar para aplicá-la eficazmente e alçar o Brasil ao sonhado patamar de “primeiro mundo”. Como no jornalismo, a comparação é um método fácil para assimilação, um bom exemplo é o da família que, repentinamente, cresce em sua condição social e econômica. Agora, com facilidade de recursos, o dilema passa a ser de como não perder seu *status quo*, sem ferir heranças e valores seculares, para não criar maiores conflitos entre seus parentes. No afã pelos atributos da modernidade e pela sede da equivalência às grandes potências, ser ou não ser um país desenvolvido, e o que é sê-lo hoje no século XXI, eis a questão para o Brasil.

COMUNICAÇÃO NÃO FAZ MILAGRE

A gestão da imagem do país nos últimos anos pode ser considerada uma das mais eficientes e eficazes. O plano estratégico da marca Brasil vendeu bem o país no cenário internacional, respaldado por dois ex-presidentes com

“Os grandes projetos de infraestrutura brasileiros são estacionados no Congresso, os investidores estão resabiados e a engrenagem da economia freada”

perfis distintos, carismáticos interlocutores que lideraram um processo de abertura político-econômica, convencendo, com suas qualidades pessoais e políticas públicas, que o Brasil era um país próspero, seguro e colchão promissor de investimentos para o crescimento da sociedade global. Ninguém questiona que nós brasileiros somos bons em comunicação! Contar histórias também sempre foi um dos nossos valores, seja como coadjuvantes na corte ou nas esteiras das senzalas! Temos por hábito convencer muitas vezes pelo nosso carisma e entusiasmo, em detrimento da razão. A real questão está na linha tênue de que a comunicação, para

qualquer tipo de organização, é apenas um poderoso recurso estratégico, que contribui ao êxito, mas não opera milagres. Na sociedade moderna, pode construir mitos, mas se não houver um bom produto, serviço, eficiência ou eficácia, os mitos ruem, ou por si mesmos se destroem. E os sonhos vão embora!

Os números do orçamento público do governo federal brasileiro ainda são espetaculares e atrativos e fazem sonhar empreendedores globais. Contabilizam projetos de dez mil quilômetros de ferrovias, cinco mil de estradas duplicadas, plataformas de petróleo para o pré-sal; sem falar no maior programa de concessões realizado pelo governo federal, que, em setembro, prevê licitar R\$ 242 bilhões. Tirá-los do papel exige boa parcimônia, eficiência, parcerias competentes e uma boa dose de experiência para transformá-los em obras que realmente alcem o Brasil ao desenvolvimento econômico sustentável nos próximos anos.



» **Anatrícia Borges** é formada em jornalismo pela Universidade Federal Fluminense (UFF), pós graduada em comunicação e Master Business Education em Responsabilidade Social Corporativa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atuou por dez anos como redatora de o Jornal O Globo, seis anos como Coordenadora de Comunicação para a Iberdrola na América Latina e Consultora de Petrobras e Transportadora Brasileira Gasoduto Bolívia-Brasil (TBG), entre outros grandes players de energia. É gerente da LLORENTE & CUENCA Brasil nas áreas de Relacionamento com a Mídia, Comunicação Estratégica e Sustentabilidade.

d+i LLORENTE & CUENCA

d+i é o Centro de Ideias, Análise e Tendências da LLORENTE & CUENCA.

Porque assistimos a um novo cenário macroeconômico e social. E a comunicação não fica atrás. Avança.

d+i é uma combinação global de relação e intercâmbio de conhecimento que identifica, enfoca e transmite os novos paradigmas da comunicação com um posicionamento independente.

d+i é uma corrente constante de ideias que antecipa novos tempos de informação e gestão empresarial.

Como a realidade não é preta ou branca, existe a d+i LLORENTE & CUENCA.

www.dmasillorenteycuenca.com